

O Reavivamento Milerita (1831-1844): Esperando Cristo voltar...

The Miller Revival (1831-1844): Waiting for Christ Return...

Por Fábio Augusto Darius

Licenciado em História (FURB)

Mestrando em Teologia (Escola Superior de Teologia)

fdarivs@yahoo.com.br

Resumo:

O fazendeiro batista Guilherme Miller, em estudo solitário – munido de sua concordância de Cruden e sua Bíblia King James – iniciou um grande movimento de reavivamento nos Estados Unidos. Segundo seus cálculos, Cristo voltaria literalmente nas nuvens do céu entre março de 1843 e março de 1844. Grande foi o desapontamento de seus adeptos quando o esperado não aconteceu. O artigo trata das concepções de Miller acerca dos livros de Daniel e Apocalipse, segundo ele, chave para entender os eventos históricos e transcendentais do segundo advento.

Palavras-chave:

Reavivamento. Escatologia.

O presente artigo trata acerca do movimento religioso iniciado por um fazendeiro batista chamado Guilherme Miller, nos Estados Unidos, cujo ápice aconteceu na primeira metade dos anos 40 do século XIX onde milhares de crentes esperaram a volta de Cristo, literalmente nas nuvens do céu.

Seu grande esforço interdenominacional provocou uma verdadeira “caça às bruxas”, principalmente no seio das igrejas Metodista,

Abstract:

The Baptist farmer William Miller, in solitary study – equipped with Cruden’s Concordance and his King James Bible – started a great movement of revival in the United States. According to their calculations, Christ literally returns in the sky between March 1843 and March 1844. Great was the disappointment of their fans when the expected does not happen. The article discusses the concepts of Miller on the books of Daniel and Revelation, key to understanding the historical events and transcendent of the Second Advent.

Keywords:

Revival. Eschatology

Batista e Congregacional, onde muitos membros e pastores foram excluídos de suas comunidades por se associarem a Miller. Sua mensagem estava pautada basicamente no segundo advento, de acordo com as profecias de Daniel e Apocalipse.

Antes de iniciar, algumas ressalvas precisam ser feitas. Em primeiro lugar, não foi um movimento nascido especificamente no seio de uma igreja ou desenvolvido por filósofos e teólogos eminentes: Miller não costumava ir a sua igreja, a não ser para

agradar seu tio pregador, quando este estava no púlpito. Além disso, não tinha formação acadêmica (algo absolutamente natural no século XIX, mesmo nos grandes centros, muito embora possuísse um atestado de conhecimentos bíblicos emitido pela Igreja Batista) e tampouco teológica, embora fosse leitor voraz e sábio ao ponto de ser eleito para os cargos de responsabilidade de sua região.

Como segundo ponto, Miller não tinha a menor intenção de fundar sua própria igreja, e não o fez. Ou seja, nenhum interesse que não religioso o motivou. Nunca foi pago e expendeu grande parte de suas economias pessoais ao proclamar a mensagem do Segundo Advento de Cristo. Embora não fosse rico, dispunha de absolutamente tudo o que precisava para sua subsistência e a de seus muitos filhos, mas o fato é que seu movimento só o empobreceu.

Para finalizar as explanações iniciais, a literatura existente indica que Miller não buscava reconhecimento ou fama pessoal. Não era orador inflamado, mas suas palavras proferidas de forma solene impressionavam o público que o ouvia, muito variado em todos os aspectos. Sua conversão pessoal alterou definitivamente seus pensamentos acerca das coisas sagradas e é só a partir de então que seu trabalho público teve início.

Visto isso, concluímos que o movimento é legítimo, baseado na autoridade das Escrituras Sagradas e interpretações pessoais de um único cristão convertido de acordo com o verdadeiro espírito da Reforma.

O método de estudo bíblico de Miller pode ser esquematicamente assim traduzido, de acordo com Timm¹:

Miller estudava as Escrituras dentro de uma estrutura hermenêutica provida (1) pelo princípio protestante de tomar a Bíblia como seu próprio intérprete (*sola scriptura*), (2) pelo método histórico-gramatical protestante, e (3)

¹ TIMM, Alberto. Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista. In: REID, George (Org.). **Compreendendo as escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: Unaspress. 2007. p. 5.

pelo ramo da escola protestante historicista pré-milenial de interpretação profética, que não aceitava a teoria dispensacionista² da restauração dos judeus na Palestina como um cumprimento da profecia. Mas a utilização milerita dessa estrutura hermenêutica estava grandemente restrita às profecias das Escrituras quanto ao fim do tempo, pois Miller não hesitou em insistir com seus companheiros de fé a não “entrar em discussão de questões estranhas àquelas do advento”.

A interpretação pessoal de Miller das Escrituras Sagradas (que culminaria na volta de Cristo em grande glória) partia de um pressuposto altamente lógico e racional em que a própria Bíblia seria o guia seguro. Evidentemente, suas conclusões finais equivocadas, porém reiteradas por pastores de diferentes denominações, provocaram choro e consternação por parte daqueles que depuseram toda a sua fé e ânimo na expectativa triunfante do retorno de Cristo para libertar os justos de um mundo decadente e dominado pelo mal.

Partia ele do pressuposto pacífico entre pastores e teólogos de que um dia, em profecia, é equivalente a um ano, divididos em 12 meses de 30 dias, em um total de 360 dias, segundo a literalidade das passagens dos trechos bíblicos de Números 14:34 e Ezequiel 4:6-7. Compreendido isso, analisou ele a profecia de Daniel à luz dos capítulos 8 a 12 desse livro, levando em conta os comentários de Cristo referenciados em Mateus 24:15.

Nesse ponto, ele chega à conclusão de que a partir do decreto da reconstrução de Jerusalém até a morte do Messias decorreriam 70 semanas.

De acordo com H. Grattan Guinness³,

² O dispensacionismo pode ser entendido como um sistema bíblico-teológico que separa ou divide a ação de Deus através da história em diferentes períodos por Ele administrados. Pressupõe a interpretação literal das Escrituras, a distinção entre o Antigo Israel e a Igreja Cristã e uma escatologia pré-milenial.

³ GUINNESS, H. Grattan. **Lights for the Last Days**. Londres: Hodder & Stoughton, 1893. p. 183.

Visto que tanto os 2300 anos do capítulo 8, como as “setenta semanas” do capítulo 9 começam do período persa da história judaica ou, noutras palavras, como ambos datam da época da restauração, em seguida ao cativo babilônico, seus pontos de partida devem ser idênticos ou estar intimamente relacionados cronologicamente.

Esta afirmação, baseada no livro de Daniel (9:25-27) aparece dividida em 3 períodos, compreendendo 7 semanas, 62 semanas e 1 semana. Assim sendo, temos as 70 semanas convertidas em 490 dias, que correspondem a 490 anos em profecia. Sinteticamente, o primeiro período, de 7 semanas ou 49 anos teria início em 457 a.C. com a reconstrução do templo de Jerusalém, que durou até 408 a.C. A segunda e maior porção, 62 semanas, durou do término do Templo ao nascimento de Cristo, perfazendo um total de 434 anos. Finalmente, a semana restante começa em 27 d.C, com o batismo de Cristo e termina em 34 d.C, com o apedrejamento de Estevão.

Para resolver a questão concernente ao referido decreto da reconstrução de Jerusalém, Miller consultou os livros de História, comparando-os às Escrituras. Suas conclusões foram as seguintes: houve três decretos, todos de autoridade persa, sendo o primeiro de Ciro (em 534 a.C, citado em Esdras, capítulo primeiro) e o segundo de Dario (em 519 a.C, citado no sexto capítulo de Esdras), ambos não cumpridos. Finalmente durante o governo de Artaxerxes (457-456 a.C), o decreto é levado a cabo em 444 a.C (de acordo com Neemias, capítulo 2), marcando assim uma data para contar até a morte de Cristo.

Dando continuidade ao pensamento de Miller, se levarmos em conta o ano de 457 até a crucificação, temos 490 anos, visto ele que Cristo, segundo seus cálculos, foi morto aos 33 anos de idade, algo que não pode ser precisado, pois segundo o Evangelho, Cristo nasceu antes da morte de Herodes, o Grande, que faleceu entre 8 e 4 a.C.

De qualquer forma, tomando como correta a linha de pensamento de Miller até aqui, ele continua sua explanação frisando e associando a segunda vinda de Cristo à purificação do santuário⁴ de acordo com o livro de Daniel (8:13-14). O profeta Daniel cita 2300 tardes e manhãs (portanto, dias) para a purificação do santuário. Miller interpreta esses 2300 dias como sendo 2300 anos e começa a contagem desses anos a partir de 457 ou 456 a.C., quando do decreto. Assim, fazendo uma simples subtração de 457 ou 456 por 2300, chega-se facilmente ao solene ano de 1843 ou 1844. (Entre 1º Nissan de 457 até o 1º Nissan de 1844, passaram-se 2330 anos, de acordo com o calendário judeu).

O grande equívoco de Miller, não levando em conta seu suposto erro de contagem do nascimento e morte de Cristo, foi imaginar que a “purificação do santuário” culminaria com a volta de Jesus. Obviamente, para ele o santuário seria a própria Terra.

De qualquer forma, errado ou não em sua interpretação bíblica, seu movimento foi avassalador. A datação e pregação de Miller, que denotam acurado conhecimento histórico para um simples fazendeiro, produziu de fato um avivamento. Nas palavras de WHITE (2004, p. 332):

Muitos dos que não aceitaram suas opiniões quanto ao tempo exato do segundo advento,

⁴ Segundo entendiam os antigos mileritas e contemporaneamente entendem os adventistas do sétimo dia, remanescentes de Guilherme Miller, a conceituação da Doutrina do Santuário Celestial é de fundamental importância para a compreensão do adventismo. Entendem os teólogos adventistas que existe no céu um santuário exatamente igual ao que existia na Terra, com o lugar Santo e o Santíssimo. Segundo Miller, quando finalmente o Santuário Celeste fosse purificado ao final dos 2.300 anos, haveria o retorno de Cristo e, conseqüentemente, o livramento dos justos. Os adventistas do sétimo dia, não negando o evento de Outubro de 1844, afirmam que com a purificação do Santuário Celestial, Cristo entrou no Santíssimo e começou o Juízo Investigativo, ou seja, o julgamento dos mortos e dos vivos. Ao final, Sua volta se dará, física e literal, concordando com a interpretação de Guilherme Miller.

ficaram convencidos da certeza e proximidade da vinda de Cristo e de sua necessidade de preparo. Em algumas das grandes cidades seu trabalho produziu impressão extraordinária. Vendedores de bebidas abandonavam este comércio e transformavam suas lojas em salas de cultos; antro de jogos eram fechados; corrigiam-se incrédulos, deístas, universalistas, e mesmo os libertinos mais perdidos, alguns dos quais não haviam durante anos entrado em uma casa de culto. Várias denominações efetuavam reuniões de oração, em diferentes bairros, quase a todas as horas do dia, reunindo-se os homens de negócios ao meio-dia para oração de louvor. Não havia nenhuma citação extravagante, mas sim uma sensação de solenidade quase geral no espírito do povo. Sua obra, como a dos primeiros reformadores, tendia antes para convencer o entendimento e despertar a consciência do que a meramente excitar emoções.

A despeito de todos os acontecimentos sociais localizados a partir das pregações de Miller e dos pastores que se juntaram à sua voz, alguns sinais externos indicavam explicitamente que havia começado as “angústias dos últimos dias”, conforme indicara Jesus nos Evangelhos e atestava João no Apocalipse. Todas essas evidências enchiam de esperança e satisfação aqueles que pela fé esperavam o grande Dia do Senhor. Neste tempo final, prelúdio da breve volta de Cristo, terríveis e marcantes eventos deveriam acontecer para cumprir as profecias.

Esses eventos, a saber, deveriam ser aqueles descritos no livro de Apocalipse (6:12-13) e aconteceriam de três diferentes maneiras: sob a forma de um grande terremoto; com o escurecimento do Sol e a Lua como sangue e, finalmente, com as estrelas caindo do céu. Segundo os adventistas mileritas, esses eventos ocorreram na mesma ordem em que o exilado João escreveu em Patmos.

O grande terremoto de Lisboa de 1º de Novembro de 1755, que destruiu quase que inteiramente a cidade com então 150 mil habitantes, foi considerado um desses eventos, cumprindo literalmente a primeira parte do texto de Apocalipse 6:12.

O abalo, segundo o texto traduzido por Butler⁵,

[...] foi seguido imediatamente da queda de todas as igrejas e conventos, de quase todos os edifícios públicos, e a quarta parte das casas. Cerca de duas horas depois o fogo irrompeu em diferentes lados, e grassou com tal violência pelo espaço de três dias que a cidade foi completamente desolada. O terremoto ocorreu num dia santo, quando as igrejas e conventos estavam repletos, sendo poucas as pessoas que escaparam... O terror do povo não pode ser descrito. Ninguém chorava: era além das lágrimas. Corriam todos de cá para lá, delirando de horror e pavor, batendo na face e no peito, gritando: Misericórdia, o mundo vai acabar! Mães esqueciam os filhos, e corriam à roda, carregando crucifixos. Desafortunadamente, muitos corriam às igrejas em busca de proteção; mas em vão foi ministrado o sacramento; em vão as pobres criaturas abraçavam os altares; imagens, sacerdotes e o povo foram soterrados na ruína comum... Noventa mil pessoas se presume terem sucumbido naquele dia fatal.

Posteriormente, em 19 de maio de 1780, a escuridão foi tamanha que a profecia do escurecimento do Sol parecia ter se cumprido. Uma testemunha ocular, de acordo com White⁶, assim descreveu o evento:

Pela manhã surgiu claro o Sol, mas logo se ocultou. As nuvens se tornaram sombrias e delas, negras e ameaçadoras como logo se mostraram, chamejavam relâmpagos; ribombavam trovões, caindo leve aguaceiro. Por volta das nove horas, as nuvens se tornaram mais finas, tomando uma aparência bronzeada ou acobreada, e a terra, pedras, árvores, edifícios, água e as pessoas tinham aspecto diferente por causa dessa estranha luz sobrenatural. Alguns minutos mais tarde, pesada nuvem negra se espalhou por todo o céu, exceto numa estreita orla do horizonte, e ficou tão escuro como usualmente é às nove horas de uma noite de verão.

⁵ BUTLER, Rafael de Azambuja (Org.). **Estudos Bíblicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 111.

⁶ WHITE, Ellen. **O Grande Conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 306.

Muitos são os relatos em jornais da época. Em Salém, Massachusetts, o “*The Essex Antiquarian*” publicou a seguinte nota, ainda de acordo com White⁷:

O Dr. Natanael Whittaker, pastor da igreja do Tabernáculo, em Salém, dirigia serviços religiosos na casa de culto e pregava um sermão no qual sustentou que as trevas eram sobrenaturais. Reuniram-se congregações em muitos outros lugares.

Na noite seguinte ao evento, a Lua recusou brilhar, embora fosse seu período mais cheio e brilhante. Finalmente, na manhã de 13 de Novembro de 1833, aconteceu a “queda das estrelas”, na verdade, uma admirável queda de estrelas cadentes. O próprio Miller foi testemunha desse evento, considerado como um dos últimos que prenunciariam o retorno de Cristo.

Na verdade, a “queda das estrelas” apenas reforçou as certezas de Miller e seu público expectante. Afinal, as evidências pareciam ser muitas para que ele estivesse errado.

É importante frisar que Miller apenas esteve sozinho em sua árdua tarefa nos primeiros momentos de suas pregações, que sempre aconteciam em pequenas cidades e vilas, indo somente “onde o Senhor o enviasse”, embora essa fase tenha sido a maior de seu movimento.

Foi apenas em 1839, e, portanto somente alguns poucos anos antes de volta de Cristo, que ele se encontra com um certo Josué Himes, pregador abolicionista, pacifista e contrário ao consumo de bebidas alcoólicas. Este homem, com certa influência, convida Miller a pregar em sua igreja em Boston. Dessa forma, acontece sua primeira pregação em uma cidade importante. A partir de então, o movimento milerita ganha corpo e começa a conquistar as massas e o púlpito das grandes igrejas tradicionais, mas por pouco tempo. Na verdade, Himes havia sido de tal forma tocado pela clareza das palavras de Miller que resolveu, a partir

desse encontro, ser uma espécie de agente. Nas palavras de Maxwell⁸,

Himes estava inflamado. A partir daquele instante, ele depositou a si próprio, sua família, sua reputação e tudo quanto possuía, sobre o altar do Senhor para ajudar Miller até os limites de suas faculdades, até o fim. Imediatamente tornou-se o agente de Miller, dedicando-se à publicidade como um especialista em promoção.

Na verdade, muito mais do que simples agente, ele fundou em fevereiro de 1840, sem dinheiro ou assinantes, conforme atesta Maxwell, um periódico, primeira publicação adventista, conhecida e publicada até os dias de hoje como *Signs of the Times*. As primeiras edições desse importante divulgador das idéias mileritas continham basicamente oito ou 10 páginas divididas em três colunas, sendo que o primeiro número não trouxe uma única gravura. Logo na segunda edição, porém, a primeira delas é impressa: uma imagem com os chifres da besta descrita por Daniel em seu livro profético, bem como réplica de pregadores contrários às idéias de Miller. Exatamente esse era o tom dessas páginas: as profecias eram exaustivamente examinadas e reexaminadas, não deixando dúvidas sobre a sua eficácia e pronto cumprimento.

A mensagem de Miller, como rastilho de pólvora, foi proclamada alertando as pessoas para sua condição espiritual e servindo com um arauto da primeira mensagem angélica descrita no livro de Apocalipse 14:6-7: “é chegada a hora do seu juízo”. Sem dúvida, seu discurso apocalíptico trouxe inicialmente grandes benefícios às igrejas tradicionais, pois sua mensagem avivalista trazia às fileiras dessas denominações milhares de pessoas que antes se encontravam em estado de letargia espiritual. Segundo Maxwell⁹,

Mediante ele a igreja metodista parece ter ganho 40 mil novos membros no outono de 1844 e a batista, 45 mil. Um único itinerário de seis semanas, realizado por um jovem

⁸ MAXWELL, C. M. **História do Adventismo**. São André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. 1982. p. 17.

⁹ MAXWELL, 1982, p. 18.

⁷ WHITE, 2004, p. 307.

pregador milerita, acrescentou um milhar às igrejas locais. Em Portland, Maine, quando Miller ali estava, um jovem dissoluto correu até perder o fôlego para um bar e gritou para seus amigos: “Rapazes, há um pregador na Rua Casco que diz que o mundo vai acabar. Não querem parar de jogar para ouvir o que ele tem a dizer?”

Por tudo isso, muitos ministros das mais diversas denominações se uniam a Miller, que supra-denominacionalmente atendia a todos os convites que podia. Entre esses pastores tão diferentes, havia grandes controvérsias teológicas que beiravam a heresias antigas, como o anti-trinitarismo. Mas nada disso importava para Miller, que fazia da missão de sua vida a pregação dessa sua importante mensagem.

Josias Litch, pastor metodista profundo conhecedor das profecias, depois de estudar exatamente o que Miller acreditava, resolveu se unir ao seu grupo, ao crer que sua mensagem não seria contraditória a nenhuma crença do Metodismo. Este homem capaz publicou um livro com 200 páginas contendo as pregações de Miller. Logo se une às fileiras do movimento Charles Fitch, que durante um período foi colaborador e assessor do avivalista Charles Finney. Fitch esquematizou graficamente a interpretação profética de Miller, provavelmente utilizada por todos os pregadores mileritas.

Além das igrejas, tendas eram utilizadas para os sermões, “facilmente” transportadas de um lugar ao outro. Essa opção parecia ter dois motivos bem específicos: parecia óbvio que gastar tempo e dinheiro em construções de madeira ou concreto só atrapalhariam a urgência da mensagem a ser pregada e seria absolutamente contrária a ela; afinal, para que construções sólidas se o mundo acabaria em poucos anos? A segunda justificativa remonta às antigas tendas da tribo da Israel, mas aparentemente estas foram utilizadas por Miller e seus seguidores por sua praticidade e custo. Na verdade, a maior já construída nos Estados Unidos até então, era utilizada. Tinha capacidade para

quatro mil pessoas e podia ser desmontada em poucas horas.

Nesse ritmo, não é exagero afirmar que a mensagem chegava praticamente a todo o país – mesmo depois da frustração contida de 1843 com o não retorno de Cristo – impulsionado pela nova tecnologia desenvolvida em 1832 e testada justamente em 1844 por Samuel Morse: o telégrafo.

Logicamente, nem todos concordaram com as idéias mileritas e muitos aproveitaram o ensejo para ridicularizá-las de forma veemente com todo o tipo de provocação. Ainda segundo Maxwell¹⁰,

Um legislador apresentou uma proposta para postergar o fim do mundo até 1860; um espertalhão ofereceu lugares reservados em um balão de escape por 200 dólares e um anúncio publicitário declarava: “Chegou o Tempo” – o tempo seria, porém, para tomar o “Bálsamo de Cereja Silvestre de Winstar” [...].

Alguns, porém, mesmo sem acreditar em Miller, evidenciavam o “fim dos tempos” ao visualizar todo o progresso dos últimos anos, com o advento das máquinas de extrair caroços de algodão, luzes de gás, trens e barcos movidos a vapor. Aliás, a marcação de datas para o fim do mundo já era expediente bastante conhecido nessa época. Para três rápidos exemplos, basta retomarmos a expectativa na virada do ano 999, a peste negra evidenciando a última etapa da Idade Média e posteriormente, a passagem de 1999 para o ano 2000. De qualquer forma, todas essas contagens citadas eram basicamente baseadas em crenças populares, sem qualquer amparo bíblico e de excitação momentânea.

O fato é que – mesmo diante de tanta esperança, estudo da Palavra de Deus e oração – todo o ano de 1843 havia passado e os cálculos de Miller acerca da vinda do Senhor se mostraram inexatos. Isso, porém, de forma alguma diminuiu as esperanças do expectante povo do advento. Logo se previu um “tempo de tardança”, conforme a compreensão do capítulo 10, verso 37 do livro de

¹⁰ MAXWELL, 1982, p. 23.

Hebreus: “Porque, ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará”.

Segundo White¹¹,

Verdade é que houve erro quanto ao acontecimento esperado, mas mesmo isto não podia abalar-lhes a fé na Palavra de Deus. Quando Jonas proclamou nas ruas de Nínive que dentro de quarenta dias a cidade seria subvertida, o Senhor aceitou a humilhação dos ninivitas e prolongou-lhes o tempo de graça; no entanto, a mensagem de Jonas foi enviada por Deus, e Nínive foi provada segundo a Sua vontade.

Logo, o chamado “povo do advento” esperava novamente confiante este pouco tempo a mais que ainda deveria suceder para finalmente então receber Cristo triunfante que voltaria nas nuvens do Céu, porém, dessa vez, não como homem de dores.

Assim sendo, as chamadas campanhas evangelísticas continuavam em grandes proporções, bem como as conversões e mudanças de vida. Foi o já citado pastor Samuel Snow que teorizou e deu forma à nova expectativa, concluindo que Cristo desceria a Terra em 22 de Outubro de 1844, finalmente. Foi em Agosto desse memorável e importante ano, que, em uma campal realizada em Exeter, New Hampshire, ele visualizou seus cálculos àqueles que lá se encontravam. De acordo com ele, Miller estava certo em toda sua dinâmica apuração dos dados históricos que culminariam com o mais esperado de todos os eventos, mas deixou de lado alguns pequenos detalhes que agora faziam toda a diferença e provocara essa espera, para que o texto bíblico se confirmasse.

Portanto, segundo Snow, os 2300 anos que começaram na primavera de 457 a.C e terminaram em 1844, também na primavera, não deveriam ter começado exatamente no início do ano, pelos padrões do calendário gregoriano ou hebreu, mas especificamente conforme a integralidade do princípio das palavras da pena de Daniel, capítulo 9, verso 25 que diz: “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém

(...)”. Continuando essa linha de raciocínio e tomando agora como base o livro de Esdras, capítulo 7, verso 8, esse decreto ou saída da ordem não aconteceu somente 5 meses após o início do ano. Dessa forma, a contagem então deveria se dar somente 5 meses após o início da primavera. Tomando a Páscoa, realizada no primeiro mês do ano bíblico como o principal festival da primavera e tendo noção de que Cristo foi crucificado justamente na Páscoa – segundo ele, referindo-se a Flávio Josefo, do ano de 31 d.C, chegou Snow a conclusão que a profecia de Daniel havia sido escrupulosamente cumprida, com a morte de Cristo acontecendo exatamente no meio da septuagésima semana (de anos) de Daniel.

Continuou Snow afirmando que assim como a Páscoa era o grande dia da primavera, o Dia da Expição, seria o grande momento do Outono. Sabendo que no Dia da Expição o sacerdote purificava o santuário e essa seria a grande tarefa de Cristo conforme Daniel 8:14, argüiu ele o público que atentamente consultava a Bíblia, perguntando que dia caiu o Dia da Expição segundo o calendário de cerimônias da Bíblia. Assim, chegou-se ao “décimo dia do sétimo mês”. Seus cálculos escrupulosos indicavam que o décimo dia do sétimo mês, em 1844, cairiam justamente em 22 de Outubro, portanto, aproximadamente dois meses além da data da pregação de Snow.

Não havia tempo a perder. O tão esperado dia de Outubro, que rapidamente se aproximava, guardava em suas horas o amor e a fé no cumprimento das profecias, mas também a grandiosa frustração e desapontamento de mais um erro de cálculo não especificado.

O movimento, com esse novo fôlego, reacende as conversações e os avivamentos aqui e ali. Centenas de pregadores mileritas passam os dias e as noites pregando e batizando. Muito dinheiro é espontaneamente doado para os editores que enchem as casas com livretos contendo as profecias e palavras de ânimo. Na verdade, tanto dinheiro que há recusa deste nas últimas semanas. Uma

¹¹ WHITE, 2004, p. 408.

publicação exclusiva – além da *Signs of the Times* – acerca do grande evento, *Midnight Cry*, é preparada. Irônico e triste pareceu ser o título dessas páginas. Grande foi o choro na meia-noite do dia 22 para o dia 23 de Outubro, com a terrível constatação de mais um dia e da postergada volta de Cristo.

Charles Fitch, que desenvolvera o então famoso “Gráfico 1843”, morrera na feliz expectativa do breve encontro com Cristo em 14 de outubro, em decorrência do frio que tomou ao batizar três sucessivos grupos de crentes, em pleno ar livre.

Finalmente, no dia 19 de outubro, as máquinas impressoras param o seu trabalho. Os pregadores voltam às suas casas com o objetivo de esperar o retorno do Mestre junto de seus familiares. Josué Himes pensa que faz sua última viagem na Terra, deslocando-se a Low Hampton para passar os momentos finais com seu grande admirador, William Miller.

Grande foi o desapontamento e a opressão. Alto foi o choro. A incredulidade tomou conta. O pastor Snow parecia convicto demais para que novamente o movimento incorresse em erro. Muitas famílias haviam vendido suas propriedades e campos. Precisariam agora, de algum jeito, recomeçar a vida, humilhados e sem dinheiro. Finalmente o milerismo parecia agora morto e já sepultado. Não haveria um segundo “tempo de tardança” marcado para os próximos meses ou breves anos. Embora alguns ainda teimassem em marcar datas, nunca mais – no movimento agora desfragmentado – houve tamanho interesse por elas. Na verdade, a cada uma delas, a tristeza era maior e incontida. O grande interesse pelas complexas profecias acabou eclipsando as simples palavras de Jesus, proferidas no contexto do sermão profético, de acordo com São Marcos (13:32): “Mas, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai”.

Restava agora, para simples consolo pessoal, tentar saber o que de fato havia acontecido no dia

do desapontamento, pois afinal de contas, a profecia, como toda a Palavra de Deus é perfeita e sem dúvida que não estava errada. O que provavelmente acontecera era, novamente, um problema com relação à interpretação ou cálculo.

É nesse momento de dor que o nome de Hiram Edson pode ser evidenciado com um dos pais do moderno adventismo ao prenciar uma de suas mais caras doutrinas: a doutrina do santuário, que tem grande marca que a distingue e identifica.

Antes de sua descoberta, contudo, conhecer em linhas gerais sua vida, através de dois pontos posteriores à sua conversão – em uma das pregações de Miller – parece clarificador.

Imediatamente às palavras de Miller, na noite em que seu coração é tocado por “santa e preciosa paz”, ele, antes de chegar a sua casa, ouve uma voz que o manda à casa de um vizinho, há muito adoentado. Edson deveria orar com aquele moribundo, a fim de que ali acontecesse um milagre, de acordo com a sua fé. É exatamente o que ocorre e muitas conversões se dão naquela família por causa deste fato.

Feito isso, sente-se chamado a relatar a Palavra de Deus a todos os seus vizinhos, mas essa tarefa, aparentemente muito mais fácil do que operar um milagre, é postergada por alguns dias, assim como o próprio Miller durante 13 anos resolve se calar. Não mais conseguindo manter o silêncio, leva a esperança a todos a sua volta, literalmente.

É Hiram Edson que anima os crentes desolados na madrugada do dia 22. Naquela mesma manhã, reunido com um pequeno grupo no interior de um celeiro, depois de orações suplicantes em busca de alguma paz e quem sabe, resposta, resolvem partir para uma pequena comunidade a fim de levar um pouco de tranqüilidade aos irmãos que ali se encontravam. Cortando caminho por um milharal, Edson “vê” claramente o que havia acontecido então.

Finalmente, conclui que o que acontece naquele momento de tragédia para os adventistas é

nada mais do que a saída de Cristo do lugar Santo para entrar no lugar Santíssimo do Santuário Celestial, com a solene missão de começar o “juízo investigativo”, ou seja, o julgamento de todos os mortos até finalmente alcançar os vivos contemporâneos para só então, consumado seu trabalho, descer para salvar os justos, mortos ou remanescentes, no grande Dia do Juízo. Em poucas linhas, esta é a doutrina do santuário.

Sabidamente, a guarda do Sábado, conforme a literalidade da Lei explícita no livro de Êxodo, capítulo 20, não nasceu na Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas foi uma valiosa contribuição da Sra. Rachel Oakes Preston, então Batista do Sétimo Dia. Porém, a resposta de Hiram Edson à pergunta acerca do que havia acontecido em Outubro dá à futura Igreja Adventista do Sétimo Dia seu caráter profético com uma missão muito bem delineada: proclamar a mensagem de Apocalipse 14, anunciando que a hora é brevemente vindoura e, incidentalmente, promovendo reformas de saúde e temperança.

Porém, nem todos os crentes concordaram com as idéias de Hiram e pequenos grupos de antigos seguidores de William Miller se formam a partir de então. De acordo com Douglass¹²,

No final da década de 1840, os mileritas desapontados dividiram-se em diversos grupos principais, de acordo com suas crenças sobre o que acontecera em 1844: (1) aqueles que continuavam a crer que a volta de Jesus era iminente e que seu erro consistia na fixação de uma data errada; este grupo incluía os principais líderes mileritas (Miller, Bliss, Hale e Himes); (2) aqueles que criam que na realidade Jesus tinha vindo, mas não como um acontecimento físico; a experiência espiritual por que os crentes passaram se tornou para eles a “segunda vinda”, e assim foram rotulados de “espiritualizadores”; (3) aqueles que acreditaram que a data estava correta, mas que o acontecimento ocorrera no Céu assinalando o início da ministração sumo sacerdotal de Cristo no “lugar santíssimo”,

dos quais surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Miller perece em 1849, crente na literalidade de volta de Cristo para algum momento em breve, ainda filiado a Igreja Batista de sua infância e juventude. Há remanescentes mileritas nas mais diversas igrejas cristãs ainda hoje que, da mesma forma que o próprio fundador do movimento, continuam esperando pelo grande dia em qualquer momento da história terrestre, em virtude do já cumprimento de todos os sinais, conforme mencionado.

Aqueles que Douglass chama de “espiritualizadores” são tomados de profundo fanatismo ao tentar provar que foram, afinal de contas, os escolhidos por Deus ao perceberem a Sua volta. Esse movimento, pequeno desde o início, perde sua força e praticamente desaparece poucos anos após o início, sendo os seus membros, quando não totalmente apostatados, reabsorvidos para suas igrejas de origem.

Quanto ao terceiro grupo, o que crê que de fato houve algo cósmico em 22 de Outubro de 1844, relacionado à saída de Cristo do lugar Santo para o Santíssimo no Santuário Celestial – cujo povo hebreu enquanto errante possuía réplica desse santuário – este resistiu e hoje constitui primordialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com mais de 15 milhões de membros batizados ao redor do mundo.

É importante frisar que a partir da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nasce a Igreja Adventista da Reforma e a Igreja Adventista da Promessa, em grande parte por causa de divergências internas e fanatismo generalizado por parte de alguns líderes dissidentes, que até hoje se recusam a ingerir qualquer medicação e são vegetarianos convictos, mesmo nos casos contraindicados pela medicina.

Além dessas duas denominações, há ainda uma terceira, conhecida no século XIX como os “Estudantes Internacionais da Bíblia”. As Testemunhas de Jeová, nome adotado nos anos da

¹² DOUGLASS, Herbert E. **Mensageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 134.

década de 1930 tiveram seu líder, Charles Russel, saído das fileiras adventistas. A questão responsável por seu rompimento foi seu caráter anti-trinitariano. A bem da verdade, é necessário dizer que assim como ele, os primeiros adventistas oriundos de outras denominações também nutriam dessas idéias e até hoje existe um grupo de “adventistas bereanos” que continuam afirmando

que o trinitarianismo é uma doutrina “herética” herdada do catolicismo romano.

De qualquer forma, o legado de Miller, apesar das divergências, cresce e multiplica, em grande medida, sua mensagem original que, afinal de contas, não foi outra além de um profundo e sincero reavivamento.